ISSN: 2358-8829

A TRISTE PARTIDA E O QUINZE: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL ENTRE A PROSA DE RACHEL E A POESIA DE PATATIVA.

Francisco Anizeuton de Souza Leite [1]

Introdução

O Ceará assim como outros estados da região Nordeste desde tempos remotos sofre com sua condição climática caracterizada pela escassez de chuva, altas temperaturas e estiagem prolongada, fatores que, muitas vezes, obrigam o sertanejo a migrar para outras regiões do país sonhando com melhores condições de vida. O sertanejo, sobretudo aquele que viveu até meados no século XX, presenciou o sofrimento, a miséria e a fome advindas das recorrentes secas que ocorreram nesse recorte histórico.

O presente artigo científico cujo tema é: **"A triste partida" e "O quinze": um diálogo intertextual entre a prosa de Rachel e a poesia de Patativa,** busca mostrar pontos de intersecção entre duas famílias de retirantes: a primeira, descrita no romance "O quinze" (1930), da escritora Rachel de Queiroz e a segunda narrada por Patativa do Assaré no poema "A triste partida"(1956). Nos dois textos, ambas as famílias migram do interior do Ceará, expulsas pela seca, e têm como destino final São Paulo.

É bem verdade que as constantes secas e o esquecimento do poder público desse espaço geográfico ajudaram a produzir, por anos, narrativas que estigmatizaram o Nordeste e submergiram seu povo a uma condição de sub-humanidade, principalmente os mais pobres. Assim sendo, Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré se apropriaram desse cenário de grandes desigualdades sociais para produzirem as obras "O quinze"(1930) e "A triste partida" (1956), respectivamente, com forte apelo social, tendo como mola propulsora a fé e a capacidade de resistência do povo sertanejo.

Analisar as congruências entre a narrativa do livro "O quinze" e o poema "A triste partida"; mostrar que a seca é um fenômeno climático, mas também um problema social e político e investigar a religiosidade do povo sertanejo a partir da análise comparativa dos textos já mencionados constituem os objetivos desse trabalho de pesquisa. Ao confrontar as informações da família de Chico Bento com a família do poema de Patativa pode-se ver claramente elementos da história, da geografia e da sociologia presentes em ambos os textos,

[1] Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UVA); Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC- CE)
E-mail: francisco.leite4@prof.ce.gov.br

que por vias distintas, constroem leituras críticas sobre o Nordeste brasileiro ao abordar a seca, a justiça social e a condição humana.

O livro "O quinze" e o poema "A triste partida", bem como os escritos de Josué de Castro, Câmara Cascudo, Rodolfo Teófilo, Euclides da Cunha, Márcio Douglas de Carvalho Silva e outros pesquisadores que abordam a temática em questão, subsidiarão o referencial teórico dessa pesquisa. Para tanto, utilizar-se-á neste estudo a pesquisa qualitativa e bibliográfica como recurso metodológico. A pesquisa qualitativa visa aprofundar o estudo enquanto que a bibliográfica busca analisar, selecionar e interpretar os materiais já publicados a partir de uma revisão bibliográfica.

Vale ressaltar que as congruências entre o poema de Patativa do Assaré e o romance de Rachel de Queiroz vão além da temática da seca ou da migração. Os textos dialogam com a forte influência da religiosidade popular do sertanejo diante das adversidades. Fé que, às vezes, é o elixir que o encoraja a seguir em frente, outras vezes, funciona como um anestésico que o deixa em estado de letargia e conformismo. Aceitar a seca como vontade de Deus é mais fácil do que questionar os poderes que insistem em perpetuar à indústria da seca, reduzindo o homem do sertão a condição de escravo.

Que as discussões e as reflexões dessa pesquisa suscitem debates e novos estudos que contribuam para formação de professores, alunos de graduação e amantes da literatura. Afinal, a escrita de Rachel de Queiroz assim como a de Patativa do Assaré é um manancial de onde jorra um conhecimento imensurável.

As "experiências de inverno"

O poema "A triste partida", nas três primeiras estrofes, contextualiza o cenário do Nordeste ao informar que os três últimos meses de ano a região vive mais um período de estiagem prolongada. O sertanejo pressentindo mais uma seca faz um questionamento a Deus em forma de súplica "Meu Deus que é de nós"? E diante das incertezas busca refúgio na fé e na crença popular através das "experiências de inverno", ou seja, métodos tradicionais baseados na observação da natureza, realizados pelos chamados "profetas das chuvas"[2], com intuito de prever se haverá ou não um bom inverno. Patativa menciona que a treze de dezembro – dia de Santa Luzia – o sertanejo fez a experiência das pedras de sal. "A treze do mês ele fez a experiença/Perdeu sua crença/ Nas pedra de sá" (Assaré, 2018, p.51). Essa

[2] Homens ou mulheres do sertão que, utilizando-se de saberes ancestais, observam cuidadosamente o comportamento de animais, insetos, plantas e fenômenos astronômicos com o objetivo de prever se haverá ou não um bom inverno. "Os profetos da chuva" se reunem anualmente na Cidade de Quixadá-Ceará desde 1996 para dialogarem e anunciarem as suas "previsões meterológicas".

ISSN: 2358-8829

experiência foi descrita minunciosamente pelo jornalista e escritor Euclides da Cunha no livro "Os sertões".

> E espera, resignado, o dia 13 daquele mês. Porque em tal data, usança avoenga lhe faculta sondar o futuro, interrogando a Providência. É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmudada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo (Cunha, 2020, p.79).

Além da experiência de Santa Luzia, o poeta de Assaré registra ainda a barra do Natal, momento em que o sertanejo levanta-se ao amanhecer do dia 25 de dezembro para verificar se há na linha do horizonte alguma nuvem (barra), o que seria o indicativo de um bom inverno. Mas logo se constata o resultado e junto com ele a tristeza. "Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,/ O só, bem vermeio, / Nasceu munto além"(Assaré, 2018, p.51). As duas experiências descritas no poema apontam para um cenário de seca.

O poema de Patativa do Assaré evoca os saberes ancestrais e a devoção popular do sertanejo como formas de prever as chuvas ou a estiagem; o mesmo pode ser dito da prosa de Rachel de Queiroz, no livro "O quinze". O primeiro capítulo é iniciado com Dona Inácia se benzendo, beijando a medalhinha de São José e rezando a oração do santo. Em seguida sua neta faz alguns questionamentos: "E nem chove, hein, mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... nem por você fazer tanta novena..."(Queiroz, 2026, p. 17) . O texto sugere que a estiagem já demora alguns meses, pois Dona Inácia já rezou várias novenas[3]. Também pelo contexto, pode-se inferir que Conceição esteja fazendo uma referência ao término do mês de fevereiro.

Assim como o texto de Patativa, Rachel menciona no primeiro capítulo de "O quinze" uma "experiência de inverno", descrita pela personagem Conceição. "E ao fechar a janela, porque soprava um vento frio que lhe arrepiava os braços, ia dizendo: - Eh! A lua limpa, sem lagoa! Chove não!..." (Queiroz, 2026, p.18). Essa experiência consiste no sertanejo observar se possui um círculo luminoso (lagoa \ barra) envolta da lua cheia. Sem lagoa na lua, o cenário que se desenha é de seca. Por isso, com tristeza a personagem constata, através de sua verificação, o destino cruel que o sertanejo terá pela frente.

[3] Novena é uma pratica religiosa cristã que consiste em se rezar nove noites consecutivas pedindo uma graça, agradecendo a Deus pelas bênçãos recebidas ou se preparando para uma solenidade, como por exemplo, a Santa Missa em honra ao santo a quem se dirige as orações nas nove noites.

O escritor cearense, Antônio Sales, fundador da Padaria Espiritual[4], condensa as duas experiências acima mencionadas no livro "Aves de arribação". "Tinha-se feito a experiência das nove pedras de sal e dava chuva em fevereiro. Entretanto, as serras ao longe amanheciam cinzentas e a lua não tinha lagoa, o que era mau sinal de tempo" (Sales, 2009, p.10).

E embora os sinais da natureza sejam desanimadores, a esperança de um bom inverno permanece guardada no coração do sertanejo. Ele apela para o sagrado, para o transcendente. É bem verdade, no entanto, que mesmo com uma fé quase inabalável, o sertanejo, às vezes, esmorece diante do céu sem nuvem, do sol escaldante e do solo rachado. As palavras do vaqueiro Vicente exemplificam isso: "– Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato ... Dá vontade é de deixar morrer logo!" (Queiroz, 2026, p.21).

Lamento e desesperança que são reforçados nos três últimos versos da quarta estrofe do poema "A triste partida": "Entonce o roceiro, pensando consigo, / Diz: - Isso é castigo!/ não chove mais não!" (Assaré, 2020, p.51). Aliás, há uma lenda cearense descrita por Câmara que atribui a causa das secas no Ceará a um castigo divino.

> Em priscas eras, os cearenses malquistaram-se com o Bom Jesus. Resolveram então expulsá-lo do Ceará. Para esse fim, prepararam uma jangada e nela puseram o Santo com os mantimentos que julgaram necessários para a longa travessia que, a seu juízo, ia o mesmo empreender. Desfraldaram a vela da embarcação e impeliram o Santo de mar a fora, rumo a Portugal, donde procedera. O Bom Jesus, na agoniada viagem, já muito distante das praias cearenses, "entre o mar e o céu", sentiu sede. Por esquecimento, ou mui propositadamente, os seus perseguidores não haviam acondicionado água na jangada. Nem uma gota sequer existia do precioso liquido... Nesse transe doloroso, sedento de sede, o Bom Jesus proferiu então essas palavras: "Sim, cearenses ingratos e maus; vocês também não terão água quando tiverem sede". O Vento Leste, que passava, acolheu as palavras do aflito Santo e, varrendo do nosso céu todas as nuvens, trouxe para o Ceará a primeira seca. (Cascudo, 2004, p.265)

Na tradição bíblica e no Antigo Testamento o Vento Leste simboliza o sopro da destruição, a seca inevitável e o castigo e a punição divina. Esse vento, muitas vezes, é usado para queimar as plantações e causar calamidades. O vento leste é mencionado no livro do Gênesis ao narrar a história de José do Egito, um hebreu que após ser vendido pelos seus irmãos se torna prisioneiro no Egito, mas que é libertado do cativeiro após decifrar o sonho do faraó.

Para José do Egito, o sonho do faraó era um alerta de Deus sobre os setes anos de abundância seguido de sete anos de seca e fome a que o Egito atravessaria. O sonho é repleto

[4] Padaria Espiritual foi um movimento literário de "proletários intelectuais" que colocou o cenário cultural de Fortaleza na berlinda nacional. A padaria iniciou não só uma prática historiográfica das letras cearenses, a partir de um escrito do seu fundador, o poeta Antônio Sales, como consolidou uma "tradição literária" que perdura até hoje. (Marques, 2018, p.20)

de simbolismo e comparações, como se pode observar no seguinte trecho: “As setes vacas bonitas e as sete espigas bonitas são os sete anos de fartura. As sete vacas magras e feias que subiam atrás das outras são outros sete anos, e as espigas chochas e ressequidas pelo vento leste correspondem a sete anos de fome” (Genesis: 41, 26 - 28).

O vento leste ou vento do oriente, como também é chamado, e o seu poder destruidor é citado ainda pelo profeta Oséias para exortar o povo que, vacilante na fé, aproximava-se das práticas politeístas, quebrando assim a aliança com Deus. “Mesmo que frutifique mais que seus irmãos, um vento virá do oriente, um sopro de Deus virá subindo do deserto, para secar as fontes e esgotar as nascentes. Vem para levar o tesouro e todos os objetos de valor” (Oséias: 13, 15).

Mas de todas as “experiências de inverno” a que mais desperta a esperança no coração do sertanejo é, sem dúvida nenhuma, a tão esperada chuva no dia de São José (19 de março), padroeiro do Estado do Ceará. Se ela (a chuva) não aparece, o cearense perde a esperança e encara a triste realidade que se aproxima: mais uma seca. Veja o que diz o escritor Rodolfo Teófilo no livro “A fome” (1890), obra que narra a grande seca que assolou o Estado do Ceará (1877 – 1879), acerca da crença do cearense no dia de São José.

> Apelava para o dia de São José; nesse dia é que saberia a sorte do Ceará. Na noite de 18 de março poucos foram os que dormiram. Ao quebrar das barras já todos estavam nos terreiros, com o olhar fito no levante. O céu estava limpo e prateado de estrelas, que esfuzilavam em todos os rumos. Um movimento de nuvens foi aparecendo no nascente ao mesmo que um vento frio soprava da floresta afora. A luz do luar em plenilúnio ia enfraquecendo, à proporção que a claridade crepuscular ia aumentando: não tardaria o aparecimento do sol. As nuvens afastaram-se como um reposteiro, que fosse corrido, brilhou a aurora, franjando de ouro o contorno dos estratos, depois apareceu o sol, um globo de fogo, semelhante a cobre fundido. O vento leste esfuziou mais forte e foi uivando de mundo afora, torcendo a ramaria das árvores, levantando do solo nuvens de folhas secas e de poeira. Os sertanejos, que olhavam o nascer do sol, baixaram a vista, alguns chorando a sua sentença de morte (Teófilo, 1979, p. 5).

Patativa do Assaré, como bom sertanejo e conhecedor dessa prática, de forma poética traduziu a esperança e a espera desse acontecimento na quinta estrofe do seu poema “A triste partida”: “Apela pra maço, que é o mês preferido/ Do Santo querido, / Senhô São José, / Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,/ Lhe foge do peito/ O resto de fé”(Assaré, 2018, p.52).

De igual modo Rachel de Queiroz retratou a importância do dia de São José para a permanência ou não do sertanejo na sua terra natal ao narrar no seu romance a triste realidade a que estaria fadado o vaqueiro Chico Bento e sua família caso não chovesse até o dia de São José. Veja o que diz a carta do administrador e sobrinho de Dona Maroca, patroa de Chico Bento:

> Minha tia resolveu que não chovendo até dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa

ISSN: 2358-8829

> em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo ... (Queiroz, 2026, p.31).

Essa crença é tão conhecida no meio sertanejo que o jornalista e escritor Euclides da Cunha menciona também no seu célebre livro, "Os sertões". Euclides relata que após a experiência de Santa Luzia, o homem do sertão aguarda com expectativa o dia de São José.

> Atravessa três longos meses de expectativa ansiosa e no dia de S. José, 19 de março, procura novo augúrio, o último. Aquele dia para ele é o índice dos meses subsequentes. Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante esse dia chove, o inverno será chuvoso; se, ao contrário, o sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável. (Cunha, 2020, p. 79-80)

O fato é que, tanto no poema de Patativa quanto como no romance de Rachel, o resultado é o mesmo, ou seja, nada de chuva. Então, os chefes das duas famílias sabem que chegou a hora de partir, migrar para outras terras. Vão engrossar a fila de retirantes que a pé, de trem ou de pau de arara abandonam o sertão cearense rumo às "terras alheias". O sertanejo sai pesaroso da sua terra natal, pois além de abandonar o pouco que conquistara, ele ainda enfrenta as incertezas quanto ao futuro. Cordulina traduz bem esse sentimento ao dizer ao esposo: "– Mas Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?" (Queiroz, 2026, p. 37). Na mesma linha de pensamento, Patativa expõe a tristeza com que o sertanejo abandona o seu torrão natal. "E assim vão deixando, com choro e gemido, / Do berço querido / O céu lindo e azul" (Assaré, 2018, p. 53).

Por fim, é mister frisar uma diferença crucial na história dessas duas famílias de retirantes. Enquanto Rachel de Queiroz individualiza o drama da família de retirantes ao mencionar no seu romance o nome de quase todos os integrantes da família, Chico Bento e sua esposa Cordulina e três dos cinco filhos do casal: Pedro, o mais velho, Josias e Duquinha (Manuel), o caçula. Patativa, por sua vez, universaliza ao fazer justamente o contrário, ou seja, não menciona o nome de nenhuma pessoa da família. Sabe-se apenas que a família era composta pelo casal e três filhos, sendo dois meninos e uma menina.

O sertanejo é uma "ave de arribação"

Arribança ou avoante é uma ave que faz longas migrações em busca de água e alimento. Andam sempre em bandos, fogem do sertão quando falta comida e água, são resiliente, pois percorrem longas distâncias na migração e por fim retornam ao sertão quando a chuva torna a vegetação verde e a colheita de milho garantida.

A família de sertanejos, descrita tanto no romance “O quinze” quanto no poema “A triste partida”, se assemelha a essa ave migratória tão conhecida no sertão nordestino. A diferença reside no retorno garantido da ave migratória; o mesmo não pode ser dito sobre o sertanejo quando bate as asas do seu torrão natal.

Faz-se necessário também pontuar que a arribação do homem do sertão se dá aos poucos. Primeiro o sertanejo reúne a família ou conversa em particular com a esposa e acerta os detalhes da viagem. É tempo de vender os animais, comprar as passagens e juntar os poucos pertences que possuem. É hora de deixar para trás as histórias, alguns viventes e se aventurar pelas estradas do país rumo a um futuro desconhecido, mas que talvez traga dignidade para toda a família.

Todos esses pormenores que antecedem a viagem da família de retirante bem como o desejo de regressar a sua terra natal no futuro são narrados por Patativa do Assaré.

> Agora pensando seguí ôtra tria,
> Chamando a famia
> Começa a dizê:
> Eu meu burro, meu jegue e o cavalo,
> Nóis vamo a Sã Palo
> Vivê ou morrê.
>
> Nóis vamo a Sã Palo, que a coisa tá feia;
> Por terras alêia
> Nóis vamo vaga.
> Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
> Pro mêrmo cantinho
> Nóis torna a vortá.
> (Assaré, 2018, p.52)

De modo semelhante, Rachel de Queiroz narra a difícil decisão de abandonar o sertão e andar pelas estradas da vida em busca da sobrevivência. Chico Bento e sua família precisam deixar Quixadá e pegar um trem que os leve até Fortaleza. Antes, porém, Chico Bento precisa vender o seu gado (um boiote, uma vaca solteira e um garrote) e também a sua roupa de vaqueiro, pois sabe que para onde ele vai não precisará mais dela. Após negociação com Vicente, Chico Bento resolveu trocar o seu gado por um burro e receber de volta um pouco de dinheiro. Triste e abatido regressa pensando no negócio que acabara de realizar. “Umas reses também famosas! Por um babau velho de cinquenta mil-réis de volta! O que é a gente estar na desgraça”... (Queiroz, 2026, p. 35).

As palavras de Rachel de Queiroz ao relatar o sentimento de revolta de Chico Bento ao receber uma mixaria pelos seus animais é quase igual as palavras de Patativa na estrofe número oito do poema “ A triste partida”. “E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,\ Inté mêrmo o galo\ Vendêro também,\ Pois logo aparece feliz fazendeiro,\ Por pôco dinheiro\ Lhe compra o que tem” (Assaré, 2018, p.52).

ISSN: 2358-8829

Percebe-se claramente, o sentimento de impotência, injustiça e o abandono implícito do poder público para socorrer o sertanejo. Nesse sentido, tanto o texto de Rachel quanto o de Patativa reforçam os questionamentos de Josué de Castro: "Será a calamidade da fome um fenômeno natural, inerente à propria vida, uma contigência irremovível como a morte? Ou será a fome uma praga social criada pelo próprio homem?" (CASTRO, 1965, p. 45).

Em outras palavras, Josué de Castro expõe, nesses questionamentos, as mazelas da fome e como ela está ligada aos interesses econômicos que favorecem uma minoria em detrimento da grande maioria. Enquanto uns sofrem com a fome, outros lucram com ela.

Após se desfazer dos poucos pertences que a duras penas o sertanejo conseguiu juntar em anos de opressão e miséria, é chagada a hora de abandonar o sertão e "caminhar" para longe, fugindo da seca e das mazelas provocadas por ela.

A família de retirantes descrita no poema de Patativa embarca com destino a São Paulo em um "Pau de Arara", veículo de carroceria muito comum no Nordeste brasileiro no transporte de romeiro e retirantes, sobretudo na década de 50, período em que foi escrito o texto do poeta de Assaré.

> Em riba do carro se junta a famia;
> Chegou o triste dia,
> Já vai viaja.
> A seca terrive, que tudo devora,
> Lhe bota pra fora
> Da terra natá.
>
> O carro já corre no topo da serra.
> Oiando pra terra,
> Seu berço, seu lá,
> Aquele nortista, partido de pena,
> De longe inda acena:
> Adeus, ceará!
> (Assaré, 2018, p.52-53)

Para compreender melhor o contexto social e econômico do recorte histórico em questão, vale a pena trazer para essa discussão o trabalho do antropólogo Márcio Douglas de Carvalho e Silva: "Os paus de arara: a migração de nordestinos na década de 1950, sob o olhar das fotorreportagens da revista O Cruzeiro"; um trabalho que aborda a sofrida migração dos nordestinos em meados do século XX.

> Com o desenvolvimento econômico da região Sul do Brasil, ainda na primeira metade do século XX, muitos brasileiros residentes em áreas caracterizadas pela estagnação econômica, forte presença do latifúndio e secas periódicas, como o Nordeste, deslocaram-se em direção aos grandes centros urbanos, sendo São Paulo um dos focos receptores de migrantes. Para chegar a esse Estado, era necessário percorrer centenas de quilômetros de estradas empoeiradas, utilizando caminhões como meio de transporte (Silva, 2022, p.171).

De forma clara e concisa o antropólogo Márcio Douglas expõe os principais elementos que impulsionam o sertanejo a abandonar o nordeste brasileiro – estagnação econômica, latifúndio e secas periódicas. Por outro lado, o desenvolvimento econômico de São Paulo funciona, para o sertanejo, como uma espécie de tábua de salvação; a Canaã Sagrada ou a terra de São Saruê, descrita em inúmeros cordéis.

A ilusão ou a utopia de uma terra sem fome, ganância ou injustiça encorajava o nordestino a abandonar o seu torrão natal na promessa de encontrar em São Paulo uma terra de fartura, a alegria e a paz. Por isso, no início da década de 50, houve uma intensa migração do Nordeste, reflexo das constantes secas e das promessas de fartura e riquezas no Sul.

> Entre os meses de outubro, novembro e dezembro de 1952, (...) engrossou a fuga do sertão pela central Rio-Bahia. 189 caminhões de "araras" cruzaram, num dia de novembro o posto sanitário de Feira. Um deles bateu recorde: 128 pessoas socadas dentro de uma carroceria imunda. O sertão esvaziava. (Lemos, 1955 apud Silva, 2022, p. 188)

O texto de Rachel de Queiroz, por sua vez, além de relatar em detalhes a saída de Chico Bento e sua família, ela denuncia a corrupção e a exploração do sertanejo diante das mazelas da seca. Veja o diálogo entre Chico Bento e Zacarias após não conseguir as passagens de trem. "Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres.... Não ajuda nem a morrer! O Zacarias segredou: - Ajudar o governo ajuda. O proposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais"... E diante de mais esse golpe, Chico Bento se sentindo desamparado desabafa: "Cambada ladrona!" (Queiroz, 2026, p.40)

A viagem de Chico Bento e sua família até o destino final – São Paulo- é dividida em três etapas, a saber: de Quixadá à Acarape a pé; em Acarape embarca no trem da estrada de ferro de Baturité e chega à Fortaleza. Por fim, com a ajuda de Conceição, Chico Bento, Cordulina e dois filhos partem de navio de Fortaleza rumo a São Paulo. A cena da partida contém grande dramaticidade, pois a família acumulou perdas irreparáveis ao longo da viagem - a morte do filho Josias; o desaparecimento do filho Pedro e por fim deixam o filho Manuel (Duquinha) aos cuidados de Conceição, madrinha do menino.

Há ainda um ponto de interseção entre a história contada por Rachel de Queiroz e o poema de Patativa que merece destaque, que é o fato da escritora de Quixadá não mencionar o nome dos dois filhos do casal que embarcam para São Paulo, exatamente como fez Patativa. A ausência de nome é uma forma que os escritores encontraram para demonstrar a falta de dignidade com que são tratados esses cidadãos brasileiros; sem nome, sem história. Assim também fez o grande escritor brasileiro Graciliano Ramos no livro "Vidas secas" ao "nomear"

os filhos do casal Fabiano e Sinhá Vitória apenas de o menino mais velho e o menino mais novo.

Faz-se necessário, comparar, ainda, dois pontos de intersecção das obras literárias aqui estudadas. O primeiro diz respeito ao lamento dos filhos durante a penosa viagem. No romance "O quinze", o personagem Chico Bento ao ver os filhos chorando de fome troca a rede nova que comprara para a viagem por uma rapadura e um litro de farinha. Já no poema de Patativa, as crianças choram não de fome, mas de saudade. Saudade do cachorro, do gato, dos brinquedos, da boneca e até da roseira que ficou no quintal. O segundo ponto é o fato das famílias de retirantes trabalharem como escravos nas terras do sul e não conseguirem mais regressarem para a sua terra natal.

Veja abaixo o que diz a última estrofe do poema de Patativa.

> Distante da terra tão sêca tão boa,
> Exposto à garoa,
> À lama e ao paú,
> Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
> Vivê como escravo,
> Nas terras do Sú.
> (Assaré, 2018, p. 54)

Agora observe o trecho do romance de Rachel de Queiroz em que a autora antecipa o futuro de Chico Bento e sua família ao desembarcar em São Paulo. "Iam para o desconhecido, para um barracão de imigrantes, para uma escravidão de colonos..."(Queiroz, 2026, p. 121).

Enfim, embora as duas famílias de retirantes trilhem por caminhos diferentes, o destino final é o mesmo: a exploração da mão de obra barata; a ausência de direitos; a luta pela sobrevivência e perda gradativa da dignidade. E o mais dolorido: o sonho de regresso a terra natal a cada dia parece mais distante. Essa foi e ainda continua sendo, infelizmente, a sina de muitos sertanejos.

Considerações finais

Espera-se que o presente trabalhado tenha cumprido com maestria a tarefa de analisar as congruências entre a narrativa do livro "O quinze", da escritora Rachel de Queiroz e o poema "A triste partida", de Patativa do Assaré, confrontando a história de vida das duas famílias de retirantes presentes nas obras acima mencionadas.

Vale frisar que todo o texto foi costurado com elementos da história, da geografia e da sociologia com o objetivo de mostrar que ambos os textos constroem leituras críticas sobre o Nordeste brasileiro ao abordar a seca, a justiça social e condição humana. A religiosidade popular do povo sertanejo diante das secas, fenômeno climático, mas também social e político, a ausência de políticas públicas para socorrer o sertanejo em tempos de estiagem prolongada e o êxodo rural também foram assuntos abordados no presente trabalho.

Por fim, que o material didático resultante dessa pesquisa seja um vasto recurso pedagógico na formação de professores e que inspire pesquisadores e amantes da literatura e do Nordeste a se aventurarem nos escritos de Rachel de Queiroz e na poesia vibrante de Patativa do Assaré com a finalidade de aprimorarem o presente estudo e contribuírem para futuras pesquisas nessa mesma seara.

Referências bibliográficas

ASSARÈ, Patativa. (Antonio Gonçalves da Silva). **Inspiração Nordestina.** Rio de janeiro: Circuito, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 11ª Reedição. São Paulo: Editora Canção Nova, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil.** 13ª ed. São Paulo: Global, 2004.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome.** 7ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1965.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** 2ª ed. Jandira, SP: Principis, 2020.

MARQUES, Rodrigo. **Literatura cearense: outra história.** 1ª ed. Fortaleza, Dummar,2018.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 129ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2026.

SALES, Antônio. **Aves de arribação.** Reimpressão. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. **OS PAUS DE ARARA: a migração de nordestinos na década de 1950, sob o olhar das fotorreportagens da revista O Cruzeiro.** CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 40, Jul-Dez, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/250826 Acesso em 15 de outubro de 2026.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação.** Organização, atualização e notas por Otacílio Colares. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979).